

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário da Manhã (Gorain) Class.: 138

Data: 14.02.84

Pg.: \_\_\_\_\_

### Usinas: índios perdem a paz — I —

José Calixto de Alencar

Cuiabá — O governo de Mato Grosso está implantando um programa que prevê a construção de 12 mini-usinas hidrelétricas; a maioria delas no norte do Estado. Com tecnologia e capital franceses. Recursos que tiveram como intermediário o Sr. Roberto Campos. Duas dessas mini-usinas que, ao contrário do que o nome sugere, vão fornecer energia elétrica até para dez cidades, serão construídas em território indígena: a de Aripuanã e a de Apiacás. Meses atrás, os índios Apiacá fizeram chegar às autoridades estaduais, através da imprensa, seus protestos contra a construção de usina hidrelétrica em sua área.

Agora, são os Cinta Larga que estão sendo molestados por trabalhadores de uma empreiteira, encarregada da construção da hidrelétrica no rio Aripuanã. Recentemente, um membro da equipe de pastoral indigenista da diocese de Rondônia (Ji-Paraná) e mais três índios da área indígena de Aripuanã, estiveram em Serra Morena, constatando um estado de apreensão entre os Cinta Larga daquele posto indígena. Eis o relato da visita:

#### TENSÃO ENTRE OS CINTA-LARGA

"A situação em Serra Morena está bastante tensa, pois uma parte da área foi invadida por uma construtora — Mape, subsidiária da Constran —, com o objetivo de construir uma usina hidrelétrica no rio Aripuanã. Esta obra é de responsabilidade da Cemat — Centrais Elétricas Mato-Grossenses. Os índios, após constatarem que a usina se encontrava dentro da reserva, ficaram bastante zangados e decidiram expulsar os trabalhadores da construção. Porém, foram acalmados com farta distribuição de alimentos.

Essa forma fácil de arrumar o que comer, fez com que uns vinte índios, na maioria mulheres e crianças, viessem morar nas proximidades da construção. Esse contato indiscriminado, como não poderia deixar de ser, é bastante prejudicial aos índios, pois, além das doenças, quando chegamos notei bastante índios gripados. Além do que há casos de abusos sexuais por parte dos peões para com as índias.

#### PESCANDO PELA BARRIGA

O líder dos Cinta Larga de Serra Morena, Lampião, esteve no



"canteiro de obras" da Mape e ficou irritado quando, por ter passado a hora do almoço, lhe negaram comida e por tomar conhecimento de que um dos fiscais da gerenciadora estava abusando de uma filha de seu irmão, Nerap. A menina tem entre 8 e 9 anos. Lampião, muito nervoso, resolveu ir embora. Informou, porém, que voltaria para matar o pessoal da usina. O pânico foi geral. Os peões da obra queriam ir embora colocando em risco a continuidade da obra. Já não desligavam o motor à noite com medo de um possível ataque.

Na tentativa de apaziguar os ânimos e, assim, possibilitar a continuidade do serviço, o engenheiro residente foi até a maloca de Nerap, distante uns 15 quilômetros da usina, para encontrar Lampião, tentando, com isso, resolver "os mal entendidos". Apesar do aparente apaziguamento, percebe-se que o conflito foi apenas adiado, pois os índios não aceitam a construção das usinas em suas terras.

#### PROMESSAS, MAIS PROMESSAS

No momento, os índios estão aceitando a presença dos trabalhadores em suas terras, pois pensam estar conseguindo, através de pressões e pela presença constante de grande número de índios acampados ao redor da obra — o que, de certa forma, intimida os trabalhadores — direcionar os contatos em seu benefício. No entanto, quando as exigências não forem atendidas, o conflito se tornará inadiável. Os trabalhos correm normalmente, pois os índios se beneficiaram de farta distribuição de alimentos, além da promessa de que terão uma estrada, aberta pela construtora, até

o posto indígena Serra Morena e eletricidade até o posto. A palavra dos Cinta Larga é um pouco mais incisiva: se a promessa não for cumprida vamos fazer uma barreira na estrada e matar quem tentar ultrapassá-la.

Atualmente, os conflitos voltam a se agravar, pois passado já algum tempo, os Cinta Larga já não estão acreditando nas promessas e insistem na retirada dos trabalhadores de sua área e a consequente paralisação da obra. Mais grave é que a Funai está sendo usada por órgãos sem competência na área (Cemat e Ministério de Minas e Energia, que criaram o programa energético sem consultar a população envolvida), para conter as mais diversas formas de resistência dos índios. Para tanto, designou funcionários que permanecem na área, com finalidade de dissolver quaisquer manifestação concreta contra a construção da usina e, assim, assegurar a continuidade da obra.

A Cemat (Centrais Elétricas Mato-Grossense), conforme seu Diretor de Engenharia e Construção, Itamar Dias Duarte, realmente contratou, via concorrência pública, os serviços da empresa Mape para a construção dessa mini-usina. Duarte explicou que ela faz parte do programa energético do Estado, que conseguiu recursos de bancos franceses, através de gestões do Senador Roberto Campos (PDS-MT), para financiamento das obras. Essa usina terá capacidade para 5 mil KWA e servirá ao município de Juína e empresários rurais das adjacências. Tanto a Cemat quanto a empresa negaram ter conhecimento de conflito na área.

Obs: José Calixto de Alencar é jornalista e presidente do Centro de Documentação Terra e Índio.